



EDITORIAL 2024/Edição Especial

É com grande satisfação que apresentamos uma edição extra da Revista Sacrilegens. Nesse novo volume, a equipe editorial se reuniu com a coordenação do VII Congresso Nacional de Ciência da Religião (CONACIR), que aconteceu no ano de 2023, para trazer uma coletânea exclusiva das principais palestras que ocorreram na ocasião do evento, que teve como título “Religião e o Direito à Esperança no Antropoceno”.

O CONACIR é um evento anual promovido pelo corpo discente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, e desde 2012 tem tido um papel importante no sentido de promover encontros, debates, parcerias e diálogos entre discentes e docentes, pesquisadoras e pesquisadores de dentro e fora do país, sempre estimulando produções e reflexões sobre o tema da religião a partir de perspectivas científicas, tanto específicas da Ciência da Religião quanto interdisciplinares. A temática eleita para o ano de 2023 mais do que nunca tem sido colocada no centro das discussões acadêmicas e políticas, sobretudo numa era em que as atividades humanas têm impactado de diferentes formas a disposição e processos geofísicos dos mais diferentes ecossistemas.

O conceito de Antropoceno, em linhas gerais, tem sido utilizado como ferramenta teórica para o estudo e reflexão não apenas do período de intensa atividade humana no planeta, mas sobretudo de seus efeitos e impactos. Parece haver, de um lado, uma tendência de fazer parecer algo completamente inédito: as preocupações sobre integralização do corpo e da natureza, sobre tecnologia, sobre política, sobre preservação de nossa casa-comum, dos animais, dos ecossistemas, do planeta... tudo isso, no entanto, de certo modo já tem sido elaborado há bastante tempo pelas culturas tradicionais, indígenas e camponesas, numa guerra silenciosa que “(...) vai sendo abafada, silenciada na história mesmo. É uma luta pela terra e pela palavra sobre a terra”¹. Nesse sentido, a temática proposta pelo CONACIR 2023 também foi um

¹ Nancy Cardoso Pereira. “Pachamama corpo e território: ancestralidades ressurgidas, reinventadas e rebeldes” (p. 16-37). In: Márcia Alves da Silva; Graziela Rinaldi da Rosa (Orgs).



convite para pensar sobre nossas próprias categorias acadêmicas, quem as tem elaborado, sob quais interesses e a partir de quais perspectivas.

Dentro das contribuições, uma das mais significativas foi a de tensionar as compreensões sobre “natureza”. Sobre isso, pesquisadoras e teólogas feministas têm desafiado as compreensões tradicionais ao perguntarem pelo quê se tem compreendido por “a natureza”. Seria uma natureza silenciosa, graciosa, aproveitável, que *tudo dá*? Uma natureza que se aproxima também das compreensões judaico-cristãs tradicionais do que seria *o feminino*— de uma maternidade deserotizada, “naturalmente” subordinada a um sistema reprodutivo (patriarcal) que visa produtividade (a reprodução de mão de obra barata), extensiva e monocultural? Uma natureza governada e controlada? Ou será que quando acionamos nossos conceitos para pensar *natureza*, estaríamos dispostas e dispostos a interrogar “(...) as construções sociais tidas como ‘naturais’, aproximando-nos da ‘natureza mesma’, (...) [visualizando] os vários usos do cristianismo - como uma das lógicas de dominação - e a retórica do colonialismo sobre o que é natural e o que não é”²? Será que estamos dispostas e dispostos a pensar uma “natureza mesma”?

Quando convocadas e convocados a discutir sobre “Religião e o Direito à Esperança no Antropoceno”, muito se falou sobre os efeitos devastadores de um sistema econômico que transformou a natureza, a cultura e os corpos em negócio lucrativo para a lógica mercantil da exploração e do lucro. Nancy Cardoso destaca que o acesso a alimentos de qualidade se tornou uma questão de privilégio, que tem recebido manutenção pelo agronegócio. A relação entre o agronegócio e a terra é profundamente marcada por dinâmicas de poder, que restringem liberdades e controlam o acesso aos recursos fundamentais para a sobrevivência – nossa e do planeta. Essa realidade concede a uma elite o poder de decidir quem tem ou não acesso a esses recursos, ao mesmo tempo, em que regulamenta e institucionaliza esses privilégios. Para a teóloga, trata-se de uma relação de estupro; isto é, uma relação de violência e degradação:

um atentado ao pudor sem consentimento; o capital cerca a terra, declara propriedade privada e sagrada de sagrado matrimônio, entra

Pedagogias Populares e Epistemologias Feministas Latino-Americanas. Curitiba, PR: Editora Brazil Publishing, 2019. p.18.

² Nancy Cardoso Pereira. “Da Agropornografia à Agroecologia: uma aproximação queer contra as elites vegetais... em comunicação com o solo” (p.35-41). In: André Musskopf; Márcia Blasi. (Org.). História, saúde e direitos: sabores e saberes do IV Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. 1ª ed. São Leopoldo, RS: CEBI, 2016, v. 1, p. 36.



com o seu membro túrgido – enormes tratores Massey Ferguson, John Deere, New Holland, Claas, Caterpillar, Valtra. Torna a ereção ainda mais fácil com farmacopornográficos de Viagra: agrotóxicos os produtos de Monsanto (EUA), Syngenta (Suíça), Dupont (EUA), Basf (Alemanha), Bayer (Alemanha), e Dow (EUA), e ejacula no cassino de commodities. Mais um dos orgasmos solitários do capitalismo.

A linguagem provocativa utilizada para criticar a relação entre capitalismo e exploração da terra é uma ferramenta poderosa de protesto. Tal abordagem revela que discutir esses temas vai além da teoria acadêmica; é uma questão prática, real e urgente. Nancy Cardoso destaca como a apropriação da terra e dos recursos naturais ocorre de forma violenta, com o capital se impondo como uma força masculina e agressiva. Nesse cenário, produtos químicos que aumentam a produtividade causam danos ao meio ambiente e à saúde, ignorando os direitos e a dignidade das comunidades afetadas. Nesse sentido, o trecho que selecionamos aqui evidencia que essa exploração transforma a terra em mercadoria, onde o valor é reduzido a termos financeiros, desconsiderando o bem-estar humano e ambiental. Assim, a busca incessante por lucro resulta em uma satisfação efêmera e isolada, sem considerar as graves consequências sociais e ecológicas que se seguem.

Com efeito, no contexto do Antropoceno, a intersecção entre religião e direito se torna uma questão urgente e necessária. Por isso mesmo, somando-se às discussões que aconteceram no CONACIR 2023, e aos esforços para valorizar estratégias de resistência, esse dossiê extra convida à reflexão crítica sobre como é possível tensionar as dinâmicas de poder para enfrentar os desafios contemporâneos. Como Nancy Cardoso apontou, os efeitos devastadores de um sistema econômico que trata a natureza, a cultura e os corpos como mercadorias, e que se coloca como um "atentado ao pudor sem consentimento", nos alerta sobre a forma violenta como o capital se apropria da terra, restringindo o acesso a recursos essenciais e transformando o direito a alimentos de qualidade em um privilégio de poucos. Essa realidade, que cerceia liberdades e perpetua desigualdades, exige uma resposta tanto ética quanto legal.

Neste dossiê, apresentamos os artigos que resultaram das principais palestras do evento. Selecionamos aqueles que exploram como as tradições, experiências, linguagens e expressões religiosas podem inspirar uma ética ecológica e influenciar a criação de alternativas menos violentas, com o potencial de resgatar valores que promovem a sustentabilidade e o respeito à vida em todas as suas formas. Buscamos valorizar



também aqueles trabalhos que priorizam vozes das comunidades marginalizadas, cujas experiências oferecem uma perspectiva valiosa sobre a relação com a terra e os recursos naturais. A inclusão de suas narrativas é fundamental para desenvolver políticas que não apenas respeitem, mas também promovam a justiça social, econômica, de gênero e de raça, e justiça ambiental.

Convidamos as leitoras e os leitores a refletirem sobre seu papel na construção de uma sociedade onde religião e direito caminhem juntos em defesa da Terra e de todos os seus habitantes. À medida que navegamos por este século desafiador, é imperativo reimaginar nossos sistemas de valores e normas, buscando não apenas a sobrevivência, mas um futuro em que a dignidade humana e a integridade ecológica sejam plenamente respeitadas.

Tenha uma ótima leitura!

Doutoranda Giovanna Sarto
Doutoranda Mara Bontempo Reis